



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

?O mundo está escrevendo e o povo não está lendo?. Transformações na paisagem e as relações de mulheres no cerrado ao "secamento do tempo"

Autoria: Jacqueline Stefanny Ferraz de Lima (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

"O mundo está escrevendo e o povo não está lendo", disse-me uma interlocutora de pesquisa certo dia em Uruana de Minas, Sertão Veredas, porção noroeste de Minas Gerais, referindo-se às transformações que têm observado na paisagem no cerrado mineiro. Especificamente naquela tarde em agosto de 2017, referia-se ao desmatamento e ao secamento dos rios na proximidade de sua casa. O desaparecimento das árvores, a diminuição das chuvas, a falta d'água nos rios, as alterações dos caminhos, são elementos igualmente recorrentes nas falas dos moradores do cerrado para chamar a atenção para o "secamento do tempo". Dito brevemente, o "secamento do tempo" se refere às alterações climáticas, dizem, "chove menos", "demora mais a chover", "faz um calorão diferente", "tem mais poeira". Também se refere às mudanças na paisagem: "não tem mais árvores", "os rios estão secos", "os rios não estão no mesmo lugar", "mudaram as passagens", "os caminhos", "os bichos tão desaparecidos", "não flore como antes". Ainda elucidam transformações na vida diária dos moradores, o envenenamento pelos agrotóxicos lançados nas lavouras monocultoras, a morte do cerrado, as lógicas mercadológicas que ignoram as especificidades de modos de produção locais. Esta proposta de apresentação é uma tentativa de conectar observações sobre as escritas do mundo que o povo não lê, para se inspirar na frase transcrita acima, e que são formuladas distintamente por outras



interlocutoras de pesquisa que vivem em meio ao agronegócio e aos programas com expectativas desenvolvimentistas atuantes no Brasil central, especificamente no noroeste de Minas Gerais. Para tal, a comunicação se concentrará nas questões acerca das transformações da paisagem, da terra, das águas, especificamente, nos modos como algumas mulheres têm chamado a atenção para o "secamento do tempo" no cerrado mineiro. Por meio das ideias por elas formuladas de se "abreviar", "conhecer o cerrado" e "não ser escrava do sistema", a intenção é fazer da escrita antropológica um meio de ecoar junto ao chamado que fazem as mulheres no Sertão Veredas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: